

**SÉRGIO RIBEIRO**

Apresentação do livro

**Os caminhos da social-democracia europeia**

de

António Avelãs Nunes

Museu da Resistência e da Liberdade  
Antiga cadeia do Aljube  
Lisboa, 14.05.2019

É de uso (ou teria sido ...) que os apresentadores de livros e de autores sejam escolhidos por forma a acrescentar valor ao livro e ao autor

... e ajudem a que se vendam (e a que se leiam!) as obras que lhes cabe apresentar.

Por isso, pergunto-me (e haverá certamente quem pergunte...) por que critérios sou eu que muitas vezes – o que tanto me honra – apresento livros de Avelãs Nunes, embora possa referir um motivo que me é particularmente grato: o da amizade com que ele me distingue.

Mas se o que é de uso, ou regra – **a exigência de maior qualidade do apresentador do que a de quem ou do que apresenta**, tal regra tem exceções, tantas que a exceção se faz regra de todas as regras, como diria Bertold Brecht.

No caso de hoje, da apresentação de os **caminhos da social-democracia europeia**, neste lugar, ela – a exceção – poderá explicar-se.

Com essa intenção, começo por umas palavras, que procurarei que sejam breves, e não excessivamente pessoais... sobre o lugar, este lugar!, sobre mim-apresentador.

---

No dia 17 de Maio de 1963 entrei neste edifício do Aljube, e fui depositado no curro ou gaveta nº2.

Nesse cubículo de 1,10 por 1,70, contei os dias como riscos de unha na parede, tentei comunicar com habitantes das gavetas ao lado, a 1 e a 3, com os nós dos dedos, medi o espaço – e medi-me – em diferentes sistemas métricos e com inventadas régua, descobri a diagonal!...

até chegar – nem sei como.... mas gosto de contar – o dia em que ouvi o tremendo som do bater das portas da carrinha na Calçada da Sé e, pouco depois, a esperada e temida ordem *prepare-se para ir à polícia*.

O que, traduzido, queria dizer prepare-se para ir aos interrogatórios na António Maria Cardoso e para a terrível (comprovei-o depois...) tortura da privação do sono.

*(prepare-se para ir à polícia! ... como se não se tivesse estado, naqueles dias, ali, a ser preparados...*

Voltei aqui, ao Aljube, dias depois. Não já para os curros. Para a chamada enfermaria geral, no último andar, para a sala onde – quando lá chegaram os restos de mim... – havia

apenas dois outros detidos, um deles o Major Ervedosa, de que guardo indelével memória e saudade, pelo que me ajudou, enfermaria-geral que se foi enchendo de amigos, de camaradas, de companheiros. Pelo que, em incerta altura, fui transferido para a sala ao lado, onde, tempos antes, tinha estado o dr. Agostinho Neto, e onde encontrei e conheci 3 outros companheiros, entre eles o que veio a ser o meu grande amigo Viriato Camilo. Sala em que fiquei até ser levado, no mês de Setembro, para a cadeia de Caxias, no mesmo transporte em que ia o meu quase-irmão (ou mais...) Herberto Goulart.

-----  
 Por isso, desta vez sinto que, como antigo habitante deste lugar, tem cabimento que aqui apresente Avelãs Nunes, e o seu livro. Mas, também, que apresente esta casa, esta escola..., a todos os presentes.

-----  
 Por isso mesmo me auto autorizo a fazer diferente apresentação da talvez esperada de Avelãs Nunes, professor jubilado da Universidade de Coimbra, seu ex vice-reitor, com várias decorações e doutoramentos *honoris causa* no Brasil, em Itália, em Espanha, o último em Valladolid. No entanto, no impressionante currículo, faltará um doutoramento *honoris causa*, o da cadeia (universidade?... talvez...) do Aljube. Porque faltará qualquer coisa... *honoris causa*, de que me proponho ser promotor e padrinho.

---

Com a devida vénia ao Director deste Museu da Resistência e da Liberdade, permiti-me expressar o que tão profundamente sinto ao entrar aqui, e procurarei de maneira adequada e justa fazer o laudatório de António Avelãs Nunes, começando por agradecer a oportunidade que pessoalmente quis forçar e de que espero não abusar.

---

É para mim uma honra, que auto estimo imerecida mas que assumo grato e responsabilmente, estar nesta casa, **Museu de Resistência e Liberdade**, a lembrar deveres e valores que devem ser os de quem aqui e noutros lugares congéneros estive preso pelo fascismo, circunstância que avoco para afirmar que Avelãs Nunes é um dos nossos, e que só por injustiça (ou por incompetência... dos criminosos injusticeiros) não tem esse infeliz privilégio (para quem o tenha tido ou assim o sint...) de ex-presos político, resultante, hoje e sempre, de situação jamais desejável.

Mas que toda a sua vida mereceu ser dos nossos.

Com atrevimento, e com a satisfação em assumir o estatuto, talvez abusivo, de padrinho de virtual distinção para António Avelãs Nunes, distinção que resultaria dos méritos suficientes – e de sobra – do afilhado a quem me incunbo de traçar o perfil, ousou propor – e desde logo considerar! – que ele faz parte do (chamemos-lhe) Claustro dos ex-cadastrados por terem lutado, em toda a sua vida, pela Liberdade, pela Democracia.

Como o próprio tem gosto e insiste em lembrar, António Avelãs Nunes nasceu em Pinhel, no interior rural da Beira Alta, em família das não dotadas e facultadoras, por condição herediária, de asas para altos voos, mas apenas para os voos planos ou rasos da emigração. Neto de moleiro e de pastor, só não se iniciou na arte de alfaiate porque os seus pais (ele alfaiate, ela costureira) trabalharam duro para dar aos filhos uma vida melhor que a deles. António Avelãs Nunes, qual Pégaso, descolou de Pinhel, passou por e ficou cidadão de Coimbra, cidade e universidade qual aeroporto para ainda mais largos voos e para manutenção, sempre em partilha companheira com Maria Helena, e com escalas de revitalização em Celorico da Beira.

De nenhum modo quero ser – nunca o conseguiria... –, e não serei exaustivo em referências pessoais, apenas anoto a participação na vida académica de estudante e na carreira docente, como jovem e adulto que sempre lutou contra a injustiça e as desigualdades espúrias, inaceitáveis, encontrando a força para resistir na procura das causas e no contributo para as combater, quer na actividade profissional, quer na pertença cidadã.

Cito a revista *Vértice*, onde também tive alguma colaboração, pretensamente defendida a coberto dos apelidos não-identificadores (?) de Ferreira Ribeiro.

Nessa revista, marco em uma tarefa colectiva de resistência, Avelãs Nunes salienta-se por um facto a que ele próprio – o mal escondido A. A.... – atribui um sinal de grande significado: a sua polémica com Tinbergen, em que este, primeiro Prémio Nobel da Economia, replica a artigo do jovem universitário da Universidade de Coimbra. Dessa troca, quiçá insólita, nasceu um debate sobre **Capitalismo e Socialismo**, de que resultaram várias e relevantes edições de um livro, **Do Capitalismo e do Socialismo**.

Assim, estaria já saindo das *razões de vida* para entrar nas *razões de obra*, razões para a merecida distinção que me atrevo a outorgar a Avelãs Nunes.

No entanto, a sua **vida** e a sua **obra** confundem-se numa unidade e coerência notáveis. Não por serem, ou por formarem um bloco, uma estrutura rígida, estática, de pensamento

e sua comunicação, mas por serem, também o dinâmico a-par-e-passo da obra com a vida, por serem um filme, **o filme** do processo do **contínuo vai-vem entre a realidade** presentida, vivida, experimentada, **e a sua conceptualização**, a sua tradução teórica, a exposição e **comunicação** aos outros, por vezes corrigindo-se, outras completando, sempre em busca da adequação e da utilidade da sua aplicação com sentido na transformação do mundo.

Por isso mesmo, não se pode apresentar um livro de Avelãs Nunes, um livro só,... cada livro é uma reflexão que continua anteriores reflexões, e que antecederá futuras reflexões: **“A concentração capitalista. Alguns aspectos da internacionalização do capital”** (de 1972);

**“O significado da Revolução Francesa na História do capitalismo”** (de 1973);

e seria uma extensa lista desde então, sob o tema de fundo da **economia política como ciência social** e com o suporte de **Os Sistemas Económicos**, publicado em 1973 e a merecer sucessivas reedições.

Uma lista consistente e consecutiva, em que alguns anos poderão aparecer como relativos hiatos, mas hiatos de que poderão ser responsabilizadas a relevante participação nos governos provisórios de 1974 e 1975 e a permanente e intensa participação em diversos cargos em múltiplas instituições e organizações.

Sublinhe-se a recente série de volumes sobre a actualidade, de intervenção fundada, científica (se a aparência fosse igual à essência, para quê a ciência?, teria perguntado Marx):

A **“Europa como ela é”**,

**O Keynesianismo e a contra-revolução monetarista,**

**Neoliberalismo e Direitos Humanos,**

**A crise do capitalismo,**

Ou seja: desde

**As Voltas que o Mundo Dá – Aventuras e Desventuras do Estado Social** (depois publicado em outras edições, bastante modificado, sob o título *O estado capitalista e as suas máscaras*),

até este último que se dedica a

**Os caminhos da social-democracia europeia.**

Deste último livro tive já a muito grata tarefa de fazer a apresentação, na Universidade Popular do Porto e farei amanhã na Universidade Sénior de Ourém. Mas antes de tal fazer, hoje e aqui, neste Aljube das minhas mais fundas memórias, em necessariamente curta explanação, julgo ter dito bastante para poder usar, por meu alvedrio, risco e custas, uma fórmula que Avelãs Nunes conhece bem, por já a ter pronunciado como padrinho em doutoramentos de outros ou ouvido a si dirigida, e que, neste caso, tem estrita responsabilidade pessoal e efeito meramente simbólico:

*His de causis*

isto é, *por estas razões outorgo a António Avelãs Nunes o grau de companheiro co-habitante honoris causa deste hoje Museu da Resistência e da Liberdade*  
(o que julgo merecer o acordo de todos)

---

Mas passemos a *os caminhos da social-democracia europeia*, em ponte tão sucinta quanto seja capaz, para que o autor dele(s) fale.

Neste livro, Avelãs Nunes desbrava e identifica os caminhos percorridos pela social-democracia europeia. A embalagem, de 200 páginas, engana. Parece um livrinho, mas o conteúdo espriar-se-ia por muitas mais páginas se, sem se alterar uma vírgula, tivesse sido composto em letra tipo 12 (já não digo maior...) e com margens e espaços brancos que permitissem pausas de leitura, e notas, e comentários a que o conteúdo convoca. O que, viva e interesseiramente, se recomenda à editora.

Destacaria em *Os caminhos da social-democracia europeia* um prólogo subdividido pelo autor em quatro capítulos, após uma útil **nota prévia**. Nesta, abunda a lembrança do livro **Do Capitalismo e do Socialismo**, com a polémica com Tinbergen, que tanto marcou o jovem Avelãs Nunes, debate que, como o maduro Avelãs reitera, seria bem menos possível transportar para hoje. Por a social-democracia estar rendida aos dogmas do “culto europeísta”. No entanto, se de acordo com a leitura de que a social-democracia se rendeu ao (cito) *fascismo do mercado* e vivemos um tempo de resistência (quais o não são?) também penso que não se pode desaproveitar nenhuma oportunidade de dialogar com ela. Ou com quem for.

Sem, evidentemente!, (como diz a nota prévia) se abdicar de **falar claro**, sem nada ceder no que é essencial e identificador nas classes sociais, sem deixar de procurar acordar os que, sonolentos, são cúmplices da gestação e crescimento de monstros contra a razão dos que a terão... mas que não têm força ainda ou que momentaneamente – em tempo histórico – a perdem.

Os capítulos I a IV são prefácios do autor, enquanto introdução e enquadramento teórico/conceptual do capítulo V, sobre *a conversão dos socialistas europeus ao neo-liberalismo*. Do capítulo I – *da social-democracia do início dos anos 70 à esquerda superflua* – retenho o apoio que Avelãs encontra no que muito estudou e divulgou de Keynes, e como os sociais-democratas se apoiaram no keynesianismo (na **procura efectiva**, numa mesurada **socialização do investimento**) para construir uma precária concepção de socialismo democrático, de **estado como instância política neutra**, acima das classes, nunca – que Marx os livrasse... – gestores do capitalismo. Mas também travões para eventuais excessos marxistas...

Seria um tempo, diz Avelãs apoiando-se em esclarecedora bibliografia e citações, de **anúncio do “milagre” da transformação do capitalismo em socialismo**.

Nada de excessos leninistas! Nada que pusesse em causa os limites do socialismo ser (ou ter sido, ou poder vir a ser) alternativa ao capitalismo, nunca a negação deste, ou substituição, ou superação ou, veja-se lá..., destruição do capitalismo.

Nesse capítulo denuncia-se a insidiosa insinuação da desideologização ideológica:

- **a teoria da convergência dos sistemas,**
- **a regulação pelo mercado,**
- **a “revolução dos gerentes”,**
- **o poder compensador,**

- **o dogma do equilíbrio orçamental.**

Tudo ainda no pós-guerra, nos ditos “trinta anos gloriosos” de que Avelãs, no capítulo II, faz a retrospectiva ao abordar

- **as “crises do petróleo”,**
- **a contra-revolução monetarista,**
- **o Consenso de Washington.**

Coloca um marco desta caminhada em Agosto de 71, na decisão-Nixon de decretar a inconvertibilidade do dólar, como rompimento unilateral dos acordos de Bretton-Woods de 47, como ponto de viragem para ascendo das correntes neo-liberais, para a dita contra-revolução monetarista.

Acrescentaria três notas:

- i) se tal é o fim da “revolução keynesiana” (como, entre aspas, diz Avelãs), Keynes já em Bretton-Woods fora vencido ao não conseguir impor a sua alternativa (capitalista) contra a posição que viria a dar a rotura de Agosto de 71, que acaba com Bretton-Woods mas, paradoxalmente, rasga por caminho aberto em Bretton-Woods;
- ii) não pode deixar de se referir a importância dos países a que recentemente se chamaria emergentes, da **OPEP**, dos **não-alinhados**, da necessidade de uma **Nova Ordem Económica Internacional**, e sublinho a referência de Avelãs ao novo *império neo-liberal*, construído, pedra a pedra, pelo poder político em conluio e obediência ao capital financeiro em transnacionalização;
- iii) a urgência de chegar ao *Consenso de Washington*, para substituir o tácito consenso keynesiano, privilegiando **procura efectiva e investimento**, por uma clara **supremacia do capital financeiro sobre o capital produtivo**, num contexto de **luta de classes**, quando, do então mundo socialista e dos países emergentes, se esperaria outra correlação de forças.

Avelãs detém-se, neste capítulo, em análises muito úteis e interessantes sobre posições de referência histórica com abundantes citações. Hayek, Friedman, Krugman, Stiglitz, Lucas, e, de todos os tempos, fisiocratas, Adam Smith, Ricardo, Marx.

O capítulo III é o mais curto, e de título elucidativo: *os socialistas europeus renegam Keynes*. Nele, Avelãs considera que os partidos socialistas europeus viraram à direita num processo em que, na esteira do SPD alemão, substituem o afirmado e identificador



objectivo da **construção do socialismo** pelo da instauração da **justiça social**, e em que a questão definidora deixa de ser, em definitivo, a da propriedade dos meios de produção. Nessas páginas, Avelãs ilustra a assumpção da mercadorização da força de trabalho, chave de toda a compreensão da exploração do trabalhador-criador de valor, em **O Capital** de Marx, e na leitura de Keynes do capitalismo e seus limites.

Assim, faz a ligação à importância dos socialistas europeus na dita “construção europeia”, tendo alicerces que passam a negar (que a social-democracia passa a desconhecer), traindo os próprios caboucos, enfeitados por formulações redutoras, como as do *desemprego voluntário* e dos *subsídios à preguiça*, que fazem, dos trabalhadores, ardilosos vendedores da mercadoria que possuem num mercado controlado pelos compradores, que são os tão louváveis e tão louvados empresários, aplicadores de poupanças secularmente amealhadas. Sabe-se lá como, ou sabe...

Essa “ponte” leva a Tratados, como o de Maastricht e o de Amesterdão, às regras do cardápio monetarista, à moeda única e ao BCE, ao decréscimo do peso da indústria (e da agricultura e da pesca) em favor dos serviços (particularmente da banca e da especulação). Assim se chega ao capítulo IV – *as responsabilidades da social-democracia europeia na construção da “Europa”* (entre aspas) *de Roma a Maastricht, da “Constituição Europeia”* (também entre aspas), *ao Tratado de Lisboa e ao Tratado Orçamental* – com que Avelãs fecha o que chamei introdução ao que será central no livro e compõe o capítulo V – *a conversão dos socialistas europeus ao neoliberalismo*.

O capítulo IV é uma interessante (e interessada) resenha da “construção europeia” e responsabilidades da social-democracia nessa “construção”, no contexto da sua congeminação, das passagens (com saltos, apeadeiros, estações) por Roma, Acto Único, Maastricht, mercado interno, moeda única e BCE, “Constituição” e Lisboa, sempre na senda federalista, da criação, **primeiro**, da cidade virtual e, **só depois!**, dos cidadãos. Primeiro, uma Europa à medida, depois, os europeus formatados!

O que é ilustrado, entre outras, pela declaração de voto verdadeiramente vaticinador de Mendès France, aquando do parto (e da partida) em Roma.

Três notas rápidas:

- i) a passagem de Roma ao não-localizado Acto Único tem um fio condutor: a estratégia da criação de uma **periferia** (com o alargamento a Grécia, Espanha e Portugal) ao sul (e depois a leste...) em redor de um **núcleo superintegrado**

- (relatório Tindemans, de 1975, onde também está a eleição de deputados, **em cada estado-membro**, para o Parlamento Europeu, concretizada em 79);
- ii) a declaração de voto dos deputados do PS português no Tratado de Maastricht, referida por Avelãs, que foi ultrapassada, atingindo o ridículo, na declaração de voto dos deputados do mesmo partido aquando da **adoção do euro** ...
  - iii) se, no resumo desta viagem com socialistas e sociais-democratas em maquinistas, usei a imagem do apeadeiro, o vaticínio de Mendès France (“*a abdicação da democracia por imposição da política monetária, orçamental, social*”) comprova-se nas sucessivas artes e manhas para que continue a viagem quem de tal “Europa” se queira apelar, por vontade expressa dos votantes-mandantes, mesmo com “optings-out”, isto é, com um ou os dois pés no estribo – caso do Reino Unido desde que saltou para o comboio em 1972.

Assim se chega ao capítulo V, em que Avelãs faz esclarecedor inventário da **conversão dos socialistas europeus ao neo-liberalismo**, com ilustração, por 4 casos nacionais diferentes (Portugal, Alemanha, França e Reino Unido). País a país – e começa, naturalmente, pelo *Partido Socialista português* –, Avelãs Nunes ilustra, nas características nacionais, essa conversão, esse progressivo abandono de Keynes e do Estado Social, por uma abstracta justiça social, pela falsificadora neutralidade classista. Recomenda-se vivamente a leitura e reflexão, e é grande o esforço para não comentar caso a caso.

Com estes quatro exemplos de conversão de partidos sociais-democratas, Avelãs Nunes torna evidente que, embora numa dinâmica comum e seguidismos, há características nacionais, **não há modelos universais mas sim modos, expressões e tempos diferentes segundo as situações e as condições culturais**.

O capítulo VI – *a social-democracia europeia apoiou as políticas de austeridade* – começa por caracterizar a chamada **crise**, e por recusar a etiqueta de crise do neo-liberalismo. Porque, não sendo este alheio à evolução do capitalismo, não se lhe podem atribuir as culpas, assim ilibando a dinâmica que a ele levou, que o criou, que dele se serviu como modo.

Criativamente, a propósito das falhas da regulação e do Estado garantidor, diz Avelãs que os meios e agentes não desmereceram do que deles esperavam os seus criadores: *ser as raposas encarregadas de guardar a capoeira*.

É curiosa a versão de que a crise teria sido uma **crise de costumes**, resultante de **falta de ética** do sistema financeiro. Há ainda, e não só mas sobretudo, a invenção de razões para culpar as vítimas das suas próprias desventuras e assim se castigar os “*povos do sul*” com **programas de austeridade**, correctores e inibidores dos erros, vícios e desvarios que lhes são atribuídos.

A Comissão Europeia tem estado na frente destas versões, e o comissário socialista Moscovici marca o passo das **políticas de austeridade**, com a inflexibilidade quanto aos míticos 3%... que deixa de ser inflexível quando é a França que os não cumpre...

Esfalfam-se, ainda, a procurar introduzir **ética no mercado** e **moral na política**. Não faltando um socialista do norte (holandês) a anatematizar o comportamento dos “ajudados” *povos do sul* que malbaratariam as generosas “ajudas” em álcool e mulheres. Foi ele o então presidente do Eurogrupo, entretanto substituído (e não por motivo dessa “boca”!) por um bom aluno do sul, auto-apregoado o melhor aluno, verdadeiramente obcecado com o défice não dos 3% mas dos 0%! E vale tudo... e quanto mais para que não falte apoio aos desvarios do crédito bancário.

Como tem sido dito, lembrado e relembrado mas nunca suficientemente, o caminho da CEE à União Europeia tem sido feito passo a passo, negociação a negociação, à margem, cada vez mais!, da participação dos povos, mesmo da tão-só ratificadora, construída como a *Europa dos negócios*, “**à porta fechada**”, como se diz no começo do capítulo VII – *a história da “Europa” é a do seu défice democrático*. (à porta fechada?, pois se o segredo é a alma dos negócios!...)

Neste capítulo e no seguinte, VIII – *o que fazer com esta “Europa”? O impasse das propostas reformistas que pretendem mudar alguma coisa para salvar o essencial* – Avelãs Nunes escarpeliza, quase se diria autopsia, a “Europa”. Fá-lo com a sua escrita ligeira, ao mesmo tempo profunda e bem fundamentada, não recuando perante repetição de argumentos e citações. Com a sua experiência docente, repete sem se repetir, usa citações e argumentos adaptando-os e utilizando-os como meios.

Nestes dois capítulos, Avelãs reforça, numa outra abordagem, comentários, factos e dados já oferecidos. Como o vaticínio de Mendès France, o método Monnet, o parece que efemeramente ressuscitado Blair, e por aí fora, página a página, demonstrando as debilidades da democracia usada, ou só enunciada, ou nem isso..., que acompanha as

conversões; sublinha o menosprezo da democracia representativa e o desprezo pela participativa.

É relevante assinalar algum regresso à inter-governamentalidade (as CIG de antes do Conselho Europeu), em derrota, tocata e fuga da constitucionalidade, perante a inaceitabilidade da cidadania sem cidadãos porque sem cidade.

As desigualdades e as assimetrias crescem. Esta ‘Europa’ é uma verdadeira *ditadura do grande capital financeiro, exercida por quem tem um grande poder mas pouca ou nenhuma legitimidade* (Ulrich Beck). Apontam-se datas e factos comprovativos do desprezo pela vontade soberana dos povos.

1972, os noruegueses

1992, os dinamarqueses e de novo os noruegueses

1998, o “opting-out” dos britânicos, dos dinamarqueses, dos suecos

2001, os irlandeses,

2005, os franceses e os holandeses

2008, de novo os irlandeses

2015, os gregos

agora, o folhetim Brexit

**Que fazer com esta “Europa”?** Boa pergunta, feita por quem já disse que ela estava toda errada, que era preciso passá-la a limpo. O que está certo como desabafo. Mas, como em relação ao neo-liberalismo, não está errado (**na sua estratégia de classe**) o que criou esta “Europa” à sua medida, à medida da correlação de forças que domina, e avança, mesmo quando não tem a legitimidade a que diz obedecer. De que valem as declarações e petições de personalidades insuspeitas (suspeitos de quê?), as dúvidas de deputados socialistas que se conformam com o que é inaceitável porque é impossível o possível que tornaria aceitável o que é impossível de aceitar e que, por isso, se tem de aceitar... ou, dito de outra maneira, que suportam ou sustentam o que é insustentável ou insuportável.

Nestes capítulos, Avelãs Nunes expõe e debate posições de Prémios Nobel (Stiglitz, Krugman), de notáveis sociólogos (Ulrich Beck), de secretários-gerais da ONU, de presidentes da Comissão Europeia. De reformistas de diferentes origens. Todos com um enorme receio do desmantelamento da União Europeia. Para falar dessa gente, e com essa gente, está Avelãs preparado desde há muitas décadas.

Como ele diz “*ao fim e ao cabo, (é) a saudade de Keynes e das políticas keynesianas: mudar alguma coisa para salvar o capitalismo*”. Mais adiante, conclui: “**os reformistas de vários matizes estão, verdadeiramente, num impasse (...) eu creio que esta “Europa não é reformável: é necessário substituí-la por outra Europa”.**

Apenas ainda diria duas palavras (que são, sempre, mais que duas...) sobre o capítulo IX – **o futuro não pode ser a continuação do passado!** De acordo, embora tenhamos de estar alerta para o risco que Avelãs tão bem desarmou ao longo do livro: assacar à Alemanha – seja a Alemanha o que for, o que tenha sido ou venha a ser –, a um qualquer Estado, as culpas que não são suas. Como para o neo-liberalismo num outro contexto, embora não sendo qualquer Estado (Alemanha, Estados Unidos, o que for...) alheio à evolução do capitalismo, da História, não se lhe podem atribuir as culpas do sistema, assim ilibando a dinâmica que os criou, que a eles levou ao que são, que deles se serve como modo.

Muito mais queria dizer!

Termino:

vêm de longe os caminhos da social-democracia.

De não ser o que diz ser. Ou de dizer-se o que não é, e fazer o contrário do que diz... **se ou quando não for obrigada a não se contradizer... para que possa continuar a ser sem que, por sua vontade e acção isolada, contribua para que algo de essencial mude nas relações sociais!**